

NÃO TENHAM DÚVIDAS! É A MOBILIZAÇÃO QUE GARANTIRÁ NOSSAS CONQUISTAS!

De uma coisa o Governo do Distrito Federal não pode acusar as professoras e os professores: de não buscarmos incessantemente a negociação. Isso é tão verdade que em 17 de novembro a categoria votou pelo indicativo de greve para o dia 8 de março, iniciando uma contagem regressiva, período durante o qual esperávamos sensibilizar o governo para a retomada do processo de negociação sobre os pontos da nossa pauta de reivindicações.

Essa postura, aliás, tem marcado a atuação da diretoria colegiada do Sinpro nas últimas gestões: negociar, negociar, negociar é uma estratégia mais de uma vez referendada pela categoria em assembleias. Mas toda essa aposta no diálogo dependeu sempre de um fator fundamental em qualquer movimento de trabalhadores: a forte determinação e mobilização da categoria. Foi assim em 2007, por exemplo, quando a força e a garra dos educadores possibilitou a conquista do Plano de Carreira, com garantia de reajuste para 2008, 2009 e 2010. Já em 2002, 2005 e 2009 o impasse nas negociações nos levou à greve, e assim garantimos nossas conquistas.

Neste momento estamos buscando retomar as negociações, apesar do descaso demonstrado pelo GDF. Mas como sempre defendemos um sindicalismo que combina negociação e luta, estamos intensificando a mobilização nas escolas e o trabalho de esclarecimento da população sobre a legitimidade do nosso movimento. Este é um momento crucial da nossa campanha salarial e é fundamental que tenhamos consciência de que, qualquer que seja o governo, nossas conquistas serão proporcionais ao tamanho da nossa capacidade de mostrar que estamos unidos e dispostos a lutar.

Se não há espaço para negociação, não hesitaremos em recorrer ao legítimo recurso da greve, pois temos uma categoria firme e consciente em seu maior propósito: a reformulação do Plano de Carreira, para continuar a trilhar o caminho da isonomia salarial com outras carreiras de nível superior até 2014.

TODOS JUNTOS E FORTES NA PRÓXIMA ASSEMBLEIA, DIA 8 DE MARÇO, ÀS 9H30, COM PARALISAÇÃO E INDICATIVO DE GREVE, NA PRAÇA DO BURITI! PORQUE QUEM SABE FAZ A HORA, NÃO ESPERA ACONTECER!

ANO	PRINCIPAIS MOBILIZAÇÕES	PRINCIPAS CONQUISTAS
Mar/2002	54 dias de greve	Reajuste de 10%; retorno do auxílio-alimentação; regulamentação da Gratificação de Titularidade (GT) para cerca de 12.000 professores(as)
2003	Intensa mobilização com várias paralisações	Conseguimos alavancar a reformulação do Plano de Carreira (Lei 3.318/2004), com implantação gradativa: março/2004, março/2005, setembro/2005, março/2006 e julho/2006; criação de uma gratificação para os orientadores (GSE) equivalente a dos professores (GRC); fim da GAT
Mai/2005	07 dias de greve	Garantia do retorno da progressão anual da carreira; redução das etapas de progressão de 31 para 25 momentos; Inclusão de um reajuste em abril/2006; Projeto de lei do Plano de Saúde enviado e aprovado pela CLDF (engavetado até hoje)
2007	Intensa mobilização com várias paralisações	Reajuste linear de R\$ 400,00 com elevação da Tidem de 80% para 108% e da GRC de 30% para 43%, sendo que na implementação os percentuais foram incorporados e voltaram aos números anteriores; conquista da reestruturação do Plano de Carreira; garantia de reajuste para 2008/2009/2010
2008	Greve de advertência de 48h: governo descumpe acordo de 2007	Reposicionamento dos professores/orientadores nos padrões; regulamentação do Plano de Carreira
Abr/2009	16 dias de greve: Governo tenta dar calote em reajuste do Fundo Constitucional	Garantimos o repasse do índice do Fundo Constitucional de 5% em 2009 e de 10% em 2010
Mar/2010	Várias paralisações	Reajuste de 10,04%; segunda coordenação fora da escola/ Atividades; fim da contrapartida do auxílio alimentação
2011	Várias paralisações	Reajuste de 11,14% em 2011 e de 2,69% para 2012; isonomia com a área federal do auxílio alimentação no valor de R\$ 304,00, sem descontos; aprovação do projeto de lei da Gestão Democrática.

LUTA PELO PNE E PISO EM MARÇO

Nos dias 14, 15 e 16 de março está marcada uma paralisação nacional para pressionar pelo pagamento do piso nacional e para que o Plano Nacional de Educação (PNE) para a década 2011-2020 preveja 10% do PIB para a área e não 8% como o atual projeto no Senado. Estamos em um momento em que não aguentamos mais discursos e queremos ver realmente a educação como prioridade nacional e considerada

estratégica para o fim da desigualdade no país.

Para refletirmos, publicamos abaixo entrevista feita com um educador finlandês que explica como o país transformou a educação sem seguir o receituário neoliberal que vitimou tantos países. Para vermos como é possível, mesmo, construir um novo mundo.

FINLÂNDIA É EXEMPLO DE VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR

Terceiro colocado no ranking do Pisa, receita de sucesso do país é valorização do professor e do ambiente escolar

No ranking do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) 2009, aplicado em 65 países pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, a Finlândia alcançou o 3º lugar. O país chama a atenção não só pelos bons resultados, mas por apresentar um modelo diferente dos outros líderes do ranking, China e Coreia do Sul. A maior preocupação é com a qualidade dos professores e dos ambientes de aprendizado. Não há avaliações periódicas padronizadas de alunos e docentes, que não recebem remuneração por desempenho. E todo o sistema escolar é financiado pelo Estado.

Pasi Sahlberg, diretor de um centro de estudos vinculado ao Ministério da Educação do país, diz que o magistério é a carreira mais popular entre os jovens e que a transformação no Brasil deve começar pela igualdade de acesso a um ensino de qualidade. Veja trechos da entrevista.

O GLOBO: A Finlândia ocupa a 3ª posição no ranking do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), entre 65 países avaliados pelo exame da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). No entanto, nem sempre foi assim. Quando começou a transformação na Educação finlandesa?

PASI SAHLBERG: A grande transformação do sistema educacional finlandês começou no início da década de 1970, quando foi criado o sistema de ensino obrigatório de nove anos. Todas as crianças do país passaram a estudar em escolas públicas parecidas e de acordo com o mesmo currículo nacional.

O principal objetivo desse modelo era igualar a oportunidade de acesso a uma Educação de qualidade e aumentar o nível educacional da população. Assim, a reforma educacional não foi guiada pelo sucesso escolar e, sim, pela democratização do acesso a escolas de qualidade. Esse movimento continuou nos anos 90, com a necessidade de uma população mais preparada para o mercado de trabalho.

O GLOBO: Quais foram as bases da revolução educacional finlandesa?

SAHLBERG: Os pontos fortes do sistema finlandês são o foco nas escolas, para que elas possam ajudar as crianças a ter sucesso; Educação primária de alta qualidade, que dê uma base sólida para as etapas seguintes do aprendizado; e a formação de professores em universidades de ponta, que tornaram a profissão uma das mais populares entre os jovens finlandeses.

O GLOBO: O mundo parece buscar uma fórmula mágica para a Educação. Existe uma fórmula válida para todos?

SAHLBERG: Não, não existe nenhuma fórmula mágica nem um milagre secreto na Educação finlandesa. O que fizemos melhor foi entender qual é a essência do bom ensino e do bom aprendizado. As crianças devem ser vistas como indivíduos que têm diferentes necessidades e interesses na escola. Ensinar deve ser uma profissão inspiradora com um grande propósito de fazer a diferença na vida dos jovens.

Infelizmente, esses princípios básicos deram lugar a políticas regidas pelo mercado em vários países. Essa lógica de testar estudantes e professores direcionou os currículos e aumentou o tédio em milhões de salas de aula. A fórmula para uma reforma da Educação em muitos países é parar de fazer essas coisas sem sentido e entender o que é importante na Educação.

O GLOBO: O que foi feito na Finlândia e que poderia ser reproduzido em outros países em desenvolvimento, como o Brasil?

SAHLBERG: A pergunta deve ser o que é possível aprender com a experiência finlandesa, não reproduzir. Primeiro, a experiência da Finlândia mostrou que é possível construir um modelo alternativo àquele que predomina nos Estados Unidos, na Inglaterra e em outros países. Mostramos aqui que reformas guiadas pelo mercado, com foco em com-

petição e privatizações não são a melhor maneira de melhorar a qualidade e a equidade na Educação.

O GLOBO: Os professores ocupam um papel importante no sistema finlandês. Como prepará-los bem? Um salário atrativo é importante?

SAHLBERG: Professores são profissionais de alto nível, como médicos ou economistas. Eles precisam de uma sólida formação teórica e treinamento prático. Em todos os sistemas educacionais de sucesso, professores são formados em universidades de excelência e possuem mestrado.

O salário dos professores deve estar no mesmo patamar de outras profissões com o mesmo nível de formação no mercado de trabalho. **TAMBÉM É IMPORTANTE QUE PROFESSORES TENHAM UM PLANO DE CARREIRA, COM PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO.**

O GLOBO: No Brasil, poucos jovens são atraídos pelo magistério. A carreira atrai muitos jovens na Finlândia?

SAHLBERG: O magistério é uma das profissões mais populares entre os jovens finlandeses. Todo ano, cerca de um a cada cinco alunos que terminam o ensino médio tem a carreira como primeira opção. Há dez vezes mais candidatos para programas de formação de docentes para Educação infantil do que vagas nas universidades.

O GLOBO: Retomando o título do seu livro, quais são, afinal, as principais lições do sistema de Educação finlandês?

SAHLBERG: A mais importante das lições é que há uma alternativa para se chegar ao sucesso prometido por reformas guiadas pelo mercado. A Finlândia é o antídoto a este movimento que impõe provas padronizadas, privatização de escolas públicas e remunera os professores com base em avaliações de desempenho que se tornou típico de diversos sistemas educacionais pelo mundo.